

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano VI — Número 67

Julho de 1968

Condição para o êxito Missionário

A Igreja é uma instituição missionária e todo o membro deve nascer e crescer na igreja como missionário.

O objectivo do trabalho missionário não é, porém, a implantação da Igreja como organismo puramente humano, mas a formação de um povo convertido a Deus, — «um povo Seu especial, zeloso de boas obras».

Para atingir esse objectivo não basta a actividade, por mais intensa que seja; nem a organização, ainda a mais perfeita; nem a pregação de sermões, por mais eloquentes que possam ser.

A condição prévia para alcançar a conversão dos pecadores, e portanto para a realização do trabalho missionário, é o conhecimento experimental da salvação, a vivência pessoal do Cristianismo, por parte do agente.

Vejamos o que se passava com o salmista David. Desejava ajudar os outros a converterem-se, mas não precisava, ele próprio, de ser primeiramente convertido? Certamente!

Por isso, orou: «Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova em mim um espírito recto. Não me lances fora da Tua presença, e não retires de mim o Teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da Tua salvação, e sustêm-me com um espírito voluntário». Estas eram as condições prévias. E então quais seriam as consequências? «**Então** ensinarei aos transgressores os Teus caminhos, e os pecadores a Ti se converterão». (Sal. 51:10-13).

O profeta Malaquias, ao traçar o quadro do verdadeiro ganhador de almas, descreve-o dizendo que «apartou a muitos da iniquidade». Mas qual a condição prévia para o seu êxito? «Andou comigo em paz e em rectidão». (Mal. 2:6).

Também o apóstolo Paulo, cheio de zelo pela salvação de almas, sentia a necessidade da experiência pessoal, vivida, dos princípios que transmitia aos outros. Referindo-se à luta que consigo próprio tinha de travar, escrevia: «Subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão, para que, pregando aos outros, eu mesmo não venha de alguma maneira a ficar reprovado». (1 Cor. 9:27).

Acima de todos, porém, temos o exemplo de Jesus Cristo. Ele ensinou o povo «como tendo autoridade, e não como os escribas» (Mat. 7:29).

Qual o motivo por que os escribas não tinham autoridade para ensinar? — Porque eles «dizem e não praticam» (Mat. 23:3). E qual o segredo da autoridade do Mestre? — «A Minha comida é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou, e realizar a Sua obra». (João 4:34).

A obra de Jesus era um desdobramento constante da vivência profunda da sua religião.

Se desejamos, pois, fazer autêntico trabalho missionário, se desejamos converter os outros, não nos esqueçamos de que primeiro necessitamos de estar convertidos.

Ernesto Ferreira

A Necessidade de um Reavivamento

por N. R. Dower

Secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral

Reavivamento e Reforma

Há muitos anos, em 1902, a serva do Senhor escreveu: «Precisa de haver um reavivamento e uma reforma, sob a ministração do Espírito Santo». — *Mensagens Escolhidas*, livro um, pág. 128.

Hoje, a necessidade de termos tal experiência é evidente. Vivemos no limiar do mundo eterno. Tudo o que nos rodeia declara que a vinda do Senhor está para muito breve. Mas estamos nós preparados para esse acontecimento? A perspectiva da volta do Senhor devia apoderar-se de tal maneira dos nossos corações que não devemos descansar enquanto a nossa experiência prática diária não conhecer um reavivamento e uma reforma. Este é o chamado de Deus para o Seu povo hodierno; tal chamado encontra-se na empolgante mensagem dada pelo Senhor por meio do apóstolo: «Portanto nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas, deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da nossa fé, o qual pelo gozo que Lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à dextra do trono de Deus. Considerai pois Aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra Si mesmo, para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos. Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado». (Heb. 12:1-4).

Notemos o conflito da alma aqui apresentado. Devemos resistir ao pecado, em qualquer e por todas as formas. Devemos resistir ao espírito de tolerância que prevalece nos nossos dias. Devemos resistir às inúmeras formas de iniquidade que assolam as nossas vidas e, pela graça de Deus, vencê-las. Isto implica um conflito tão renhido, que sangue, suor e lágrimas podem ser o preço. Temos de assumir a atitude de preferir a morte a condescender com o mal. Como necessitamos hoje desta espécie de dedicação à justiça e à vida piedosa!

Segundo a mensageira do Senhor, reavivamento e reforma não são experiências idênticas: «Reavivamento e reforma são duas coisas diversas. Reavivamento significa renovo da vida espiritual, um avivamento das faculdades da mente e do coração, uma ressurreição da morte espiritual. Reforma significa uma reorganização, uma mudança de ideias e teorias, hábitos e práticas. A reforma não trará o bom fruto da justiça a menos que seja ligada com o reavivamento do Espírito. Reavivamento e reforma devem efectuar a obra que lhes é designada, e no realizá-la, precisam fundir-se». — *Ibid.*

Reavivamento

Esta é uma experiência pela qual todo o membro de igreja e todo o obreiro na causa de Deus deve fervorosamente orar. Estamos uma geração inteira atrasados na nossa obra. Já estamos há mais tempo neste mundo do que Deus desejaria que estivéssemos. Este facto apresenta razão suficiente para pensamento sóbrio. Por quanto tempo mais teremos de permanecer neste mundo poluído pelo pecado? Quando reconheceremos a urgente necessidade de um reavivamento da piedade primitiva nas nossas vidas? Quando faremos disto a nossa primeira tarefa? Se não o for agora, então quando será? Se não formos nós, quem será? Se não for aqui, onde será?

«Importa haver diligente esforço para obter a bênção do Senhor, não porque o Senhor não esteja disposto a outorgá-la, mas porque nos encontramos carecidos de preparo para recebê-la. O nosso Pai celestial está mais disposto a dar o Seu Espírito Santo àqueles que Lho peçam, do que pais terrenos o estão a dar boas dádivas a seus filhos». — *Ibid.*, pág. 121.

Quando aceitaremos e confiaremos nesta grande promessa? Porque somos tão lentos em nos convencermos que isto é assim? Deus deseja um novo Pentecostes e demonstrar

um poder ainda maior, mas nós não estamos preparados para passar por essa experiência.

Aconteceram duas coisas no Pentecostes. Primeiro, os discípulos foram cheios do Espírito Santo e testemunharam do Senhor Jesus com grande poder, e milhares foram acrescentados à igreja. Segundo, não foi permitida a fraude, como se torna evidente na experiência de Ananias e Safira. No Pentecostes, os homens foram chamados a entregarem-se completamente a Cristo em honestidade absoluta. Estamos tão ansiosos pela vinda de Cristo que estamos dispostos a fazer a mesma entrega?

«Cumpre-nos, porém, mediante confissão, humilhação, arrependimento e fervorosa oração, cumprir as condições estipuladas por Deus em Sua promessa para conceder-nos a Sua bênção. Só podemos esperar um reavivamento em resposta à oração». — *Ibid.*

Este reavivamento vem. Está já a caminho. Vemos evidências disso onde quer que vamos o que é extremamente encorajador. Mas ansiamos por uma disseminação maior. cremos que é tempo não só de confessarmos os nossos pecados mas de os abandonarmos. Precisamos de buscar o Senhor de todo o coração e com grande fervor. Aqueles que se prepararem para as bênçãos têm a promessa de que as receberão.

Sabemos que há pessoas na igreja que não estão convertidas e que conseqüentemente não se unirão em oração eficaz em busca de tal reavivamento. Mas isso não nos deve deter. Nem toda a igreja será reavivada. Mas os que acima de tudo desejam estar prontos para a vinda do Senhor e que anseiam ardentemente pela recepção do Espírito Santo podem, e na realidade devem, experimentá-lo individualmente. Devemos orar mais, muito mais, e muito mais fervorosamente do que oramos. Devemos fazer uma entrega completa das nossas vidas a Jesus Cristo. Devemos reconhecer um Senhor, um Mestre, em nossas vidas — um único — e então o poder descerá sobre nós como desceu sobre os apóstolos no Pentecostes. Esta é a promessa. E ela cumprir-se-á.

Isto significa que as nossas mentes devem ser treinadas a deter-se nas coisas espirituais. Nossos corações devem desviar-se de tudo quanto nos separe de Cristo. Devemos destruir «os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento

de Deus, levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo» (2 Cor. 10:5). Isto é cristianismo prático, e é tão importante para a igreja de hoje como o era para a igreja do tempo de Paulo.

«Temos muito mais a temer de dentro do que de fora. Os obstáculos à força e ao êxito são muito maiores da parte da própria Igreja do que do mundo. — *Ibid.*, pág. 122.

É a incoerência nas vidas do membros de igreja que afasta de nós a bênção de Deus e detém a torrente de pessoas convertidas que o Senhor prometeu.

«Quantas vezes se têm os professos defensores da verdade demonstrado o maior entrave ao seu progresso! A incredulidade com que se contemporiza, as dúvidas expressas, as sombras acariciadas, animam a presença dos anjos maus, e abrem o caminho para a execução dos ardis de Satanás». — *Ibid.*

Estes são factos significativos que têm que ver com a nossa condição presente, factos que assinalam a origem de grande parte da nossa falta de vida e da nossa tibieza. Absorvidos pela nossa complacência e satisfação própria, necessitamos de despertar para a realidade e clamar ao Senhor por auxílio e poder vivificador.

«Não há coisa alguma que Satanás tema tanto como que o povo de Deus desobstrua o caminho mediante a remoção de todo o impedimento, de modo que o Senhor possa derramar Seu Espírito sobre uma languiscente igreja e uma congregação impenitente. Se Satanás pudesse fazer o que ele queria, nunca haveria outro despertamento, grande ou pequeno, até ao fim do tempo. Não somos, porém, ignorantes dos seus ardis. É possível resistir-lhe ao poder. Quando o caminho estiver preparado para o Espírito de Deus, a bênção virá.

«Satanás não pode impedir uma chuva de bênção de cair sobre o povo de Deus, mais do que fechar as janelas do Céu, para que a chuva não caia sobre a Terra. Homens ímpios e demónios não podem obstar a obra de Deus, ou excluir Sua presença das reuniões de Seu povo, caso eles, de coração rendido e contrito, confessem e afastem de si os seus pecados, reclamando com fé Suas promessas. Toda a tentação, toda a influência contrária, seja ela franca ou oculta, será resistida com êxito, 'não por força, nem por violência, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos'. (Zac. 4:6).» — *Ibid.*, pág. 124.

Reverência na Casa de Deus

por W. B. Ochs

«Guardareis os Meus sábados, e o Meu santuário reverenciareis; Eu sou o Senhor». Levítico 19:30.

Quando Deus fala, devíamos não só ouvir como também agir. No texto citado o Senhor pede que façamos duas coisas: (1) guardemos o sábado e (2) tenhamos reverência no Seu santuário. Estas duas coisas andam juntas; são inseparáveis. A verdadeira guarda do sábado exige reverência, e a reverência ajuda-nos a manter o sábado santo. Devemos guardar o sábado porque ele é o santo dia de Deus. É nesse dia que adoramos a Deus no santuário que foi dedicado à proclamação do Seu evangelho eterno.

Quando nos reunimos para prestar culto, encontramos-nos na presença de Deus, porque Ele diz: «Porque onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, aí estou Eu no meio deles» (Mat. 18:20). A nossa atitude para com o sábado e o nosso comportamento na igreja determinam a bênção que vamos receber. Há pessoas que dizem guardar o sábado, mas que não mostram a devida reverência na igreja. A religião de Cristo exige a reverência de ambos, porque ambos são santos. A irreverência faz com que Deus Se retire de nós e muitas vezes faz com que almas se afastem da igreja. «Por causa da sua irreverência na atitude, no traje, e comportamento, e de sua falta de verdadeiro espírito de devoção, Deus muitas vezes tem afastado o Seu rosto dos que se achavam reunidos para o culto». — *Testemunhos Selectos*, vol. 2, pág. 201.

Todos temos a consciência de que há falta de verdadeira reverência em algumas das nossas igrejas. As palavras «reverenciareis o Meu santuário» deviam soar aos nossos ouvidos com insistência e deviam ter um profundo significado. «O sentido moral dos que adoram a Deus no Seu santuário tem de ser elevado, apurado e santificado. Eis o que tem sido deploravelmente negligenciado». — *Ibid.*, pág. 199. Quanto necessitamos hoje desta admoestação! Há falta de reverência porque a linha divisória entre o santo e o secular tem sido obliterada. É o que claramente expressam as seguintes palavras:

«A não ser que aos crentes sejam inculcadas ideias precisas acerca do culto verdadeiro e da verdadeira reverência para com Deus, prevalecerá entre eles a tendência para nivelar o sagrado ao comum». — *Ibid.*, pág. 202. A reverência é um indício de energia espiritual; a irreverência denuncia fraqueza. É bom lembrar-nos de que ninguém que brinca com as coisas sagradas será deixado impune. Quando tememos a Deus e reverenciamos a Sua majestade não necessitamos de temer seja o que for, porque sabemos que o culto que prestamos no Seu santuário é aceitável.

O sábio aconselha os que desejam reverenciar o santuário de Deus a guardarem três coisas quando vão à casa do Senhor: os pés, os ouvidos e a língua.

Guarda os pés

O culto aceitável começa logo que entramos na igreja. «Guarda o teu pé, quando entrares na casa de Deus» (Ecles. 5:1). Estas palavras descrevem o comportamento do que vai prestar culto ao se dirigir para a casa de Deus. Ele deve ir deliberadamente, com compostura, e com a compreensão do que deve fazer enquanto se encontra na igreja. Se o adorador não vai com a mente e com o coração preparados, o seu culto não será aceitável.

Os nossos pés desempenham uma parte importante no serviço de Deus. Devemos saber como andar diante d'Ele não apenas no santuário mas fora dele. Por vezes cantamos «Silêncio, silêncio, que Deus aqui está», mas pela maneira como usamos os nossos pés, pelo barulho que fazemos com eles, e pelos caminhos que seguimos, agimos como se Deus estivesse longe.

Constatamos a importância do devido uso dos nossos pés quando nos encontramos diante do Senhor, ao lermos a experiência de Moisés quando Deus o chamou para tirar Israel da terra do cativo. Deus preveniu-o: «Não te chegues para cá; tira os teus sapatos de teus pés, porque o lugar em que tu estás é terra santa» (Êx. 3:5). Moisés encontrava-se na presença do Todo-poderoso.

Por meio deste acto foi-lhe ensinada a reverência adequada a ter quando na presença de Deus. Quando o chamado veio, Moisés compreendeu que não mais podia andar nos seus próprios caminhos. Sabia que a partir de então, devia andar com Deus, e que os seus pés deviam ser guiados por Aquele que o chamara.

Aqueles que têm o cuidado de guardar os pés quando estão na presença de Deus não terão qualquer dificuldade em conduzir-se diante do Senhor ao O servirem. Os seus pés serão, como diz Paulo «calçados na preparação do evangelho da paz» (Efés. 6:15). Quão bom é quando os nossos pés nos conduzem para a casa de Deus no dia de Sábado, a fim de recebermos d'Ele as bênçãos prometidas! Vale a pena atendermos ao conselho «guarda o teu pé, quando entras na casa de Deus».

Guarda os ouvidos

Os nossos ouvidos desempenham uma parte importante no culto que prestamos a Deus; diz o sábio: «inclina-te mais a ouvir do que a oferecer sacrificios de tolos, pois não sabem que fazem mal» (Ecles. 5:1). Apliquemos estas palavras à nossa ida à igreja. Demasiadas pessoas vão à igreja para verem e serem vistas, mas não para ouvir o que Deus tem para lhes dizer. O facto de o homem ter ouvidos não é razão suficiente para deduzirmos que ele ouve. Alguns podem ter ouvidos mas serem surdos fisicamente. Isso é uma infelicidade. Mas quão trágico é ser-se surdo espiritualmente!

Quando fechamos os nossos ouvidos às palavras da verdade proferidas pelo pastor, revelamos um espírito de irreverência. O ministro fala ao coração, e o Espírito Santo toma as suas palavras e grava-as no coração submisso por meio da avenida do ouvido. Citando Isaías, Paulo referiu-se aos que são surdos espiritualmente: «Vai a este povo, e dize: de ouvido ouvireis, e de maneira nenhuma entenderéis; e vendo, vereis, e de maneira nenhuma perceberéis; porque o coração deste povo está endurecido, e com os ouvidos ouviram pesadamente, e fecharam os olhos, para que nunca com os olhos vejam, nem com os ouvidos ouçam, nem do coração entendam, e se convertam, e Eu os cure» (Act. 28:26, 27; cf. Isa. 6:9, 10). Quão diferente foi com o Salvador. Falando de Si mesmo, por meio do profeta Isaías, disse: «O Senhor Jeová me deu uma lín-

gua erudita, para que eu saiba dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado: Ele desperta-me todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que ouça, como aqueles que aprendem. O Senhor Jeová me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde; não me retiro para trás». (Isa. 50:4, 5). A nossa oração enquanto estamos na igreja devia ser sempre: «Abre os meus ouvidos, para que possa ouvir a Tua voz».

A verdadeira reverência permite que os nossos ouvidos estejam sempre atentos à voz de Deus enquanto Lhe prestamos culto no Seu santuário. A mesma atitude que guarda os nossos pés quando entramos na casa de Deus devia manter os nossos ouvidos atentos à Sua voz durante as reuniões que têm lugar na igreja. Não nos esqueçamos de que o Senhor diz sete vezes no livro do Apocalipse: «Aquele que tem ouvidos, ouça». Necessitamos de atender a este aviso.

Guarda a língua

Mais do que qualquer membro do corpo, a língua é a causa da irreverência na casa de Deus. Vejamos o que diz Salomão: «Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apreste a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra; pelo que sejam poucas as tuas palavras». (Ecl. 5:2). Como que para salientar a importância destas palavras, o sábio acrescenta no verso 6: «Não consintas que a tua boca faça pecar a tua carne, nem digas diante do anjo que foi erro; por que razão se iraria Deus contra a tua voz, de sorte que destruísse a obra das tuas mãos?»

Os pagãos pensavam que era pelo muito falar que seriam ouvidos; mas Deus diz: «sejam poucas as tuas palavras».

As nossas necessidades estão sempre diante d'Ele e são por Ele conhecidas. Uma criança não necessita de proferir muitas palavras para dar a entender as suas necessidades ao seu pai ou à sua mãe. Alguém disse: «A mais curta oração, se não for motivada pelo senso da necessidade, e por um desejo veemente, é demasiado longa; a mais longa, se tiver essas características, é suficientemente curta».

As palavras ásperas são sempre precipitadas e impensadas, quer na conversação quer na oração. Sempre que nos dirigimos a Deus, devíamos fazê-lo num espírito re-

Continua na pág. 10

Um Trabalho para cada um

por Zeferino José

Ao lermos as Escrituras, constatamos a obra fervorosa de edificação da Igreja primitiva que foi feita pelos membros leigos. Muitas vezes temos lido a declaração inspirada de que o mesmo devia suceder em nossos dias.

«A obra de Deus na Terra nunca será terminada, enquanto os homens, mulheres e jovens que compõem a nossa Igreja não cerrarem fileiras, e juntarem seus esforços aos dos ministros e oficiais da Igreja». — *Serviço Cristão*, pág. 68.

Talvez esta mensagem tenha perdido o poder de nos impressionar, devido à sua contínua repetição. Não obstante, permanece como verdade básica e bem sólida.

O nosso objectivo é terminar a proclamação do Evangelho de Deus na Terra e isso com a maior urgência, proporcional ao seu glorioso tema. As responsabilidades e o campo de acção de cada um podem ser diferentes. O facto de que o Espírito menciona várias classes de colaboradores, que participam nesta tarefa, mostra que suas responsabilidades individuais são variadas. (Cfr. 1 Cor. 12:3-11).

Um exército não se compõe só de generais nem só de soldados. As grandes indús-

trias necessitam tanto de operários como de competentes técnicos e de executivos.

Na nossa Obra, que em importância sobrepõe qualquer outra, encontram-se os que organizam, os que instruem e os que vão de porta em porta levando as boas novas.

Aceitemos como nossa responsabilidade celestialmente ordenada a obra que nos incumbe cumprir. Não procuremos a responsabilidade de outro, nem critiquemos a maneira como ele a realiza. (Cfr. 1 Cor. 12:12-31).

Um pastor pode pregar sermões apazíveis e fazer muitos esforços para edificar a Igreja e fazê-la prosperar, mas a menos que os seus membros façam individualmente a sua parte como servos de Jesus Cristo, a Igreja estará sempre em trevas e sem forças, porque o Espírito de Deus não pode permanecer nela.

Tenhamos a certeza de que a nossa parte nos foi indicada por Deus e de que os que se encontram sob a nossa influência também têm a sua tarefa e lugar de trabalho indicado, e juntos trabalhemos com vigor e sem esmorecer para ampliar as fronteiras do reino de Deus.

O Governo Português e as Missões não-Católicas

«Não podem as autoridades estar de um lado, num clima permanente de desconfiança, nem as missões se podem afastar das autoridades e não buscar esse contacto. É necessário dialogar. É preciso falar.

«O Governo português não impõe qualquer limitação a que os cidadãos sejam católicos ou protestantes. **AS NOSSAS LEIS DÃO UMA LIBERDADE ABSOLUTA DE CULTO ...**

«E como estamos já em diálogo, como todos vamos passar para novos níveis de entendimento e de compreensão, eu antecipo que a vossa actualização se possa desenvolver sem atritos, sem problemas, em cooperação íntima entre todos nós, que somos portugueses».

Palavras de Sua Excelência o Governador Geral Tenente-Coronel Rebocho Vaz, proferidas no Bié, em 17 de Junho de 1968.

A Igreja Cristã através dos Séculos

(Continuação)

por José Pedro Falcão Sincer

Jesus trazia uma mensagem: «É Chegado o reino dos céus.» Mat. 10:7.

Este reino tem dois aspectos: um espiritual, quando o homem regenerado pelo Espírito Santo obedece a Deus, e outro temporal, quando todos os remidos herdarem a Terra renovada e Jesus Se tornar, então, o Rei dos reis e o Senhor dos Senhores.

A Organização da Igreja

Todos os cidadãos do reino espiritual formam aqui na Terra a Igreja à qual Jesus Se refere, por duas vezes, no Evangelho de Mateus 16:18 e 18:17.

A Igreja primitiva era formada e deve continuar a sê-lo por crentes baptizados.

O sistema sacerdotal, completamente simbólico, foi cravado na cruz com a morte de Jesus, uma vez que o Salvador Se tornou, com a Sua ascensão, nosso Sumo Sacerdote (Heb. 8:1-6).

Em Seu lugar, Jesus deixou Suas testemunhas. Act. 1:8. Os discípulos de Jesus, por onde quer que iam, «testemunhavam», despertando desta maneira o interesse das almas. A estas eram ministrados os ensinamentos de Jesus e, finalmente, eram baptizadas. Assim se formavam igrejas, cuja cabeça era Cristo, mantendo relações recíprocas entre si, prestando-se auxílio mútuo, dirigindo seus negócios internos e externos, independentes e ao mesmo tempo interdependentes umas das outras.

Em cada igreja formada se nomeavam os anciãos, bispos, presbíteros ou pastores, todos os três termos com o mesmo significado (Act. 11:30; 14:23; 20:17-28; Fil. 1:1; 1 Tim. 3:1; 5:17, 19; Tito 1:5; Tiago 5:14; 1 Ped. 5:1) e também os diáconos ou diaconisas (Act. 6:1-6; 1 Tim. 3:8-13), conservando-se ambos no mesmo plano dos restantes membros, não constituindo, de modo algum, um elemento à parte.

As Ordenanças da Igreja

Enquanto que a Igreja Judaica era essencialmente ritualista, ritualismo que só tinha significação enquanto Jesus não cumprisse tudo o que esses ritos simbolizavam, Cristo ao estabelecer uma nova ordem de culto deixou apenas dois ritos: o baptismo por imersão dos candidatos e a Santa Ceia.

O baptismo é feito por imersão, porque somente a imersão corresponde à morte e a emersão à ressurreição. (Rom. 6:1-11). Era ministrado somente àqueles que tinham fé em Jesus e criam em Seus ensinamentos. «Quem crer e for baptizado será salvo». Marc. 16:16. Não se baptizavam, portanto, crianças.

A Santa Ceia, como acto comemorativo da morte de Jesus e da esperança na Sua volta, era precedida pela cerimónia do lavapés. Mat. 26:26-29; João 13:3-15; 21:30; 1 Cor. 11:23-26.

A Literatura Cristã do Período — O Novo Testamento

Com a expansão do Evangelho e a entrada na Igreja de muitos que não conheceram a Cristo na carne nem tiveram a oportunidade de escutar as «boas novas» da boca dos apóstolos, surgiu a necessidade de escrever os factos concernentes à vida e obra do Salvador, assim como a necessidade de interpretar a vida e as doutrinas cristãs, ou dar instruções sobre a organização das igrejas, a disciplina e o culto, e combater heresias, o que foi feito por epístolas.

Havia quem se opusesse ao progresso do Evangelho, e mesmo dentro das igrejas surgiram elementos interpretando erroneamente doutrinas fundamentais. A vida cristã de modo algum era ideal, pois a maioria dos crentes havia vindo das classes mais baixas da sociedade pagã. Muitas das conversões não eram genuínas, e assim as igrejas foram perturbadas por divisões e contendas,

Continua na pág. 16

Histórias Africanas



Bosibori e os Gémeos

Bosibori vivia na sua aldeia e desejava muito estudar. Resolveu ir para a Missão, mas como não tinha dinheiro para as propinas, ficou a trabalhar em casa do professor Nemuel e de sua esposa Sara, enquanto aprendia as primeiras letras.

Ia buscar água, cuidava do lume, pisava o milho com o pilão e fazia outras tarefas. Por vezes aborrecia-se com esses trabalhos. Ela tinha vindo — pensava — para estudar e não para trabalhar ou para seguir a religião da Missão.

As lidas da casa continuavam normalmente.

Só Nemuel, depois de dadas as aulas, estava agora ocupado a fazer um lindo berço. Que iria acontecer?

Uma noite Bosibori foi acordada por um grito. O que seria? Sim, era o grito de um bebé. Bosibori, apesar da sua maneira de ser, sentiu-se excitada com a ideia de haver um novo bebêzinho em casa. Sentou-se na cama e escutou. «Como é que uma coisa tão pequenina pode fazer tanto barulho?» pensou Bosibori. «Ele deve ser um grande bebé para gritar desta maneira».

De madrugada, ouviu que a chamavam. «Bosibori, vem cá ver o que nós aqui temos para tu tomares conta». Bosibori apressou-se em direcção ao quarto de Sara e Nemuel, mas à porta estacou. Sara segurava nos braços, não um mas dois bebês, e ao seu lado sorrindo orgulhosamente, estava o seu pai.

Bosibori ficou horrorizada. Não saberiam eles nada acerca do perigo? Gémeos! Isso era a coisa pior que podia acontecer a qualquer família. Queria dizer que os espíritos estavam descontentes com eles, e a não ser

que eles se desfizessem de um dos bebês, grandes males lhes sobreviriam.

Ela própria não estaria segura se continuasse a viver numa casa em que havia gémeos. Certamente que Sara e Nemuel deviam estar ao facto disso. Estes pensamentos devem ter-se reflectido no seu rosto, porque Sara disse: «Então, Bosibori, parece que estás com medo dos gémeos».

Como Bosibori parecesse incapaz de falar, ela continuou: «Não é isto um sinal de que o verdadeiro Deus nos abençoou, enviando-nos dois bebês? Vê tu, um rapaz e uma menina».

Bosibori olhou para os gémeos. Oh, eles eram lindos bebês, isso era verdade, mas não poderiam viver ambos, nem mesmo que Sara esperasse tolamente conservá-los aos dois.

«Não faz mal», disse Sara, «cuidarei dos meus bebês, e tu, Bosibori, farás o trabalho como de costume. Estou certa de que assim tudo irá bem».

Bosibori não sabia que fazer. Tinha de pensar no assunto. Não estava nos seus planos vir encontrar gémeos nesta casa, senão não teria vindo. Que havia de fazer?

Se permanecesse, podia ficar em perigo mortal, apesar do que Sara dizia. Se se fosse embora, talvez nunca mais frequentasse uma escola de meninas.

Ela tentou lembrar-se se algum dos seus parentes ou amigos alguma vez teria sido «abençoado» com gémeos, mas não havia nenhum. Provavelmente a razão era que um dos gémeos teria sido deixado morrer sem se falar muito no assunto, porque quais seriam as pessoas que desejariam chamar a atenção dos espíritos maus? Talvez ela,

Bosibori, pudesse raptar um destes bebês. Isso salvaria não só a ela, mas também aos pais dos bebês. Pensando melhor, isso não era uma estratégia praticável, visto que Sara estava sempre perto dos bebês. Bosibori no entanto sentia repulsa por esta nova maneira de pensar de Sara.

Ela apenas tinha uma coisa a fazer. Quando Sara e Nemuel estivessem a dormir, ela juntaria as suas poucas coisas e abandonaria a casa. Antes do alvorecer, ela estaria de regresso à sua própria aldeia, onde as pessoas eram escrupulosas em não ofender os espíritos maus. Isto significava o fim dos seus planos em relação à escola, mas se ficasse, podia significar o seu próprio fim.

Bosibori fazia os seus trabalhos domésticos com um coração pesado. Quanto mais pensava no seu plano, mais chegava à conclusão de que estava em risco de abandonar mais do que os próprios planos da escola.

Ela tinha vivido melhor nessas últimas semanas do que em toda a sua vida anterior. Pensou na cubata de seu pai, onde durante a estação das chuvas a água penetrava pelo tecto. Pensou no canto onde se encontrava a sua cama antes de vir para a missão, e nas galinhas que algumas vezes dormiam com ela. Pensou nos seus vestidos novos e limpos.

Havia alguma coisa mais que era novo para Bosibori — era a bondade. Embora o seu coração estivesse endurecido, Bosibori sabia que iria sentir a falta da bondade existente na família de Nemuel.

Que havia de fazer? Com os gémeos é que ela não se atrevia a ficar. Tinha de abandonar a família ao destino que esperava aqueles que ousavam opor-se aos espíritos.

Bosibori ia em direcção a casa com um molho de lenha para o lume. Nemuel estava sentado cá fora, quando ela chegou, rodeado por um pequeno grupo de pessoas. Com certeza, pensou, as pessoas tinham vindo para mostrar a sua simpatia pela desgraça que tinha vindo sobre o professor.

Mas não. Pareciam mais interessados no que ele estava a fazer. E que estava ele a fazer? Estava a fazer outro berço, igual ao que tinha feito semanas antes. A sua face estava radiante, e não havia indícios de preocupação. Bosibori esperava ver os visitantes criticá-lo, mas pelo contrário, louvavam-no pelo cuidado que tinha com os novos membros da família.

«Só Nemuel», disse um, «era capaz de

pensar na necessidade de fazer uma cama para cada um dos seus filhos».

«Sim, Nemuel sabe como as crianças devem ser protegidas e cuidadas», acrescentou outro.

Nemuel, à medida que trabalhava, explicava que com estes berços, os bebês não estariam em risco de sufocar.

«Que sabedoria!» exclamou uma senhora idosa. «Na verdade tive dez filhos, mas quantos existem para me amparar na minha velhice? Apenas três ficaram».

«É verdade», disse outro. «Nós perdemos muitos dos nossos filhos com acidentes e doenças. Mas Nemuel — esse aprendeu a sabedoria do missionário, e Deus abençoou-o dando-lhe dois filhos».

A estupefacção de Bosibori aumentou. Nem uma destas pessoas tinha proferido uma palavra acerca do infortúnio de ter gémeos. Ninguém parecia ter medo. Gémeos, uma bênção!

Naquele momento a velhota que tinha acabado de falar voltou-se para Bosibori. «Parabéns, Bosibori,» disse. «Tens muita sorte em poder cuidar dos gémeos de Sara. Vais ser invejada por todas as meninas na escola».

Admirada consigo própria, Bosibori sentiu que lágrimas vinham aos seus olhos, e antes que as pudesse limpar, começaram a rolar pelas faces.

Intrigada com os acontecimentos, saturada com os seus próprios problemas, Bosibori sentou-se numa pedra ao lado da casa e deu livre curso às suas lágrimas. Não podia compreender estas pessoas, e certamente elas também não a podiam compreender.

«Bosibori, porque não me dizes o que tens?» perguntou Sara. «Temos notado que desde que vieste para nossa casa, não te sentes feliz com alguma coisa».

Bosibori continuou a soluçar. Através das suas lágrimas, podia ver Nemuel olhando para ela, enquanto os seus dedos continuavam a preparar o berço.

Para Bosibori, este segundo berço não era mais que uma prova da fé que Sara e Nemuel tinham em Deus — o Deus que é maior que qualquer espírito mau. Ela tinha constatado essa fé no passado, mas não tinha querido saber acerca dela. Mas não podia explicar estas coisas a Sara, que estava

Reverência na Casa de Deus

Continuação da pág. 5

pacientemente sentada ao seu lado, à espera que passassem os soluços.

«Não seria melhor que eu me fosse embora?» perguntou finalmente. «A minha maneira de ser nunca tem sido a vossa. E agora, com estes gémeos, não tenho nada que me diga que estou em segurança dos espíritos maus».

«O mesmo Deus que nos ama e nos protege, ama-te a ti também, se tu creres n'Ele. Cremos que Ele ama os nossos filhinhos, da mesma maneira, e que os devemos educar para Ele. É por isso que temos um cuidado especial com eles, e é por isso que Nemuel está a fazer outro berço».

A senhora idosa que antes tinha felicitado Bosibori voltou. «Porque estás a chorar?» indagou. «Não é verdade o que acabo de dizer, que és privilegiada acima de todas as outras meninas? Não há uma única menina em toda a missão que não gostasse de ocupar o teu lugar».

«Vamos», disse Sara; «porque não és mais feliz, crendo que Deus te ama e cuida de ti, em vez de te aterrorizares com os poderes do mal que só querem a tua destruição? Vamos, o segundo berço está quase pronto. Vamos para casa pôr lá o bebé».

Bosibori seguiu-a para casa, onde ambos os bebés estavam a dormir tranquilamente no primeiro berço. O que as pessoas tinham dito era verdade. Eles eram lindos bebés. E não tinham essas pessoas mostrado a mesma esperança e confiança de Sara e Nemuel? Será que ela afinal estava errada?

Antes de compreender o que estava a fazer, tomou nos seus braços um dos bebés. Ao segurar aquele pequenino corpo quente, e ao pensar no berço extra que o aguardava, o seu próprio coração aqueceu.

Voltou-se para Sara, que a observava. «Se tiver paciência comigo», disse, «eu também vou tentar conhecer e seguir o seu Deus».

Nemuel entrou trazendo o berço que acabava de fazer. Bosibori olhou para Sara com uma pergunta nos seus olhos. Sara compreendeu, e com um sorriso abanou a cabeça.

Então, com o mair cuidado, e com uma oração nos lábios a fim de ser guiada no seu novo caminho, Bosibori depôs o bebé no segundo berço.

Marjorie Anderson

verente. Alguém disse: «Não dês à tua língua demasiada liberdade, para que não sejas feito prisioneiro». Este é sem dúvida um bom conselho para cada adorador na igreja. As nossas palavras podem ser centelhas de fogo. Tiago escreveu: «A língua também é um fogo, como mundo de iniquidade» (Tiago 3:6).

A verdadeira reverência é revelada ao ser posta uma guarda nos nossos lábios, enquanto estamos na presença de Deus. Deus diz: «Se desviares o teu pé do sábado, e de fazer a tua vontade no Meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem *falar as tuas próprias palavras*, então te deleitarás no Senhor» (Isa. 58:13, 14).

Repetidas vezes somos admoestados pela serva do Senhor sobre a importância da reverência. Notemos estas palavras: «Por vezes rapazes e meninas revelam tão pouco respeito pela casa de Deus, que se entretêm a conversar durante a pregação. Se estes pudessem perceber os anjos que os estão observando e notando o seu procedimento, corariam de vergonha e aborrecer-se-iam a si próprios». — *Ibid.*, pág. 196.

Com a língua, Deus é louvado ou amaldiçoado, adorado ou negado, aceito ou rejeitado. O salmista orou: «Põe uma guarda à minha boca» (Sal. 141:3). São bem claras as palavras: «A morte e a vida estão no poder da língua». (Prov. 18:21).

As palavras «temei a Deus e dai-Lhe glória» são um convite para que voltemos a ser reverentes para com Deus no Seu santuário. Como já se tem dito, e com razão, a reverência é o primeiro elemento da religião; só pode ser sentida por aquele que tenha uma concepção exacta da grandeza e da santidade divinas, e saiba o que o seu carácter representa aos olhos de Deus.

Lembremo-nos sempre de que a verdadeira reverência é um dos requisitos para o céu. «Para a alma crente e humilde, a casa de Deus na Terra é como que a porta do Céu». (*Ibid.*, pág. 193). Oxalá atentemos sempre às palavras: «Reverenciareis o Meu santuário», porque «o Senhor está no Seu santo templo; cale-se diante d'Ele toda a terra» (Hab. 2:20).

A Mensagem Adventista no Mundo

Cinco Grandes Templos Inaugurados num só dia na Cidade de São Paulo

O «slogan» popular é que São Paulo é a cidade que mais cresce no mundo. E não podemos negar esta grande verdade do crescimento impressionante e astronómico da capital do Estado de São Paulo.

A cidade de São Paulo já se tornou uma das maiores metrópoles do mundo e a primeira da América Latina pelo seu grande parque industrial e pelos seis milhões de habitantes que possui aproximadamente.

Ao lado deste crescimento incomum da cidade de São Paulo, cresce também a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nada menos de 110 igrejas e congregações adventistas, estão distribuídas em São Paulo e arredores. Desta forma urge a necessidade de construirmos mais templos para alguns milhares de irmãos que vivem e mourejam nesta grande capital. Durante cada série de conferências que realizamos em São Paulo, conseguimos pelo poder de Deus trazer para a verdade algumas centenas de almas sinceras. E o problema é a acomodação dessas pessoas em templos, pois todos estão superlotados e sem qualquer possibilidade de receber novos irmãos, de conferências públicas.

Com a união de esforços da Direcção da Associação Paulista, dos pastores distritais e dos irmãos radicados na capital, foi possível inaugurar num só dia — 18 de Novembro de 1967 — cinco grandes templos na cidade de São Paulo, que fizeram parte dos 21 templos inaugurados em todo o Estado de São Paulo durante o ano passado.

Alcides Campolongo

Medalha de honra para um enfermeiro militar adventista no Vietnam

A primeira Medalha de Honra concedida a um enfermeiro militar em serviço no Vietnam foi imposta pelo presidente Johnson a Lawrence Joel, adventista de 39 anos. Joel encontrava-se na 173.^a brigada aerotransportada quando o fogo inimigo feriu ou matou quase todos os homens do seu destacamento. Depois, declara a citação, «ele foi atingido na perna direita por uma bala de metralhadora... fez um penso ao seu próprio ferimento e a si mesmo administrou morfina... Depois de atingido segunda vez e de uma bala se ter alojado na sua coxa,

arrastou-se no campo de batalha e tratou treze homens antes de esgotar as suas provisões médicas ... Munido de novas provisões, o enfermeiro Joel rastejou sob um fogo intenso, proferindo de novo palavras de encorajamento. ... Tendo-se acalmado a batalha, que durava 24 horas, Joel ... continuou a reanimar e a tratar os feridos».

Numa prisão do Vietnam

No dia 2 de Dezembro de 1967, no campo de concentração de prisioneiros de Bien Hoa, situado a 35 quilómetros de Saigão, realizou-se a maior cerimónia baptismal na história da nossa Obra no Vietnam.

Estes baptismos representavam os primeiros frutos de um esforço de evangelização laica. Em 1965, Nguyen Huynh, chefe do laboratório do hospital adventista de Saigão, projectou criar uma Escola Sabatina anexa. Tendo-se interrompido as reuniões ao ar livre devido às chuvas, veio-lhe a ideia de se dirigir a uma prisão de Saigão. Em seguida, foi-lhe concedida a autorização de ir a outras prisões.

Naquele campo de concentração de prisioneiros onde quarenta e oito homens foram baptizados, encontram-se internados mais de novecentos prisioneiros. Em certas alturas, trezentos prisioneiros ou mais reuniram-se ao Sábado na maior sala da prisão. Vários dentre eles seguiram o Curso bíblico da «Voz da Profecia» e setenta alunos receberam o seu diploma no principio de 1967.

Algumas semanas depois do início desta obra de evangelização, o director da prisão dirigiu-se aos leigos que vinham realizar uma reunião e pediu-lhes que entrassem no seu gabinete. — «Vós, meus senhores, disse-lhes com entusiasmo, fizestes mais em poucas semanas para mudar o espírito e a atitude destes prisioneiros do que nós em muitos anos. Desejamos não só que continueis a ir, mas ainda que vos torneis mais os amigos destes prisioneiros. Temos notado que vossas mensagens têm realmente produzido algo em grande número dentre eles. Fazeis um bom trabalho. Queremos fazer tudo o que esteja ao nosso alcance para vos permitir que convertais estes homens e façais deles cristãos».

Animados e alegres perante estas palavras de apreço, os leigos de Saigão decidiram organizar estudos mais profundos, em que cada prisioneiro presente receberia a Bíblia e sublinharia os textos explicados. Cerca de cem prisioneiros aceitaram este convite após

a reunião geral. Nossos leigos foram assistidos por dois jovens evangelistas, Nguyen Van Le e Nguyen Xuan Son. Como consequência deste Curso, muitos entregaram-se a Cristo.

Cerca de duzentas pessoas foram baptizadas na Missão do Vietnam em 1967, apesar da situação incerta e perturbada do país. Uns setenta colportores colocam cada mês dez mil livros nos lares e arriscam-se a perder a vida desempenhando este ministério no meio dos perigos.

Dr. Jean Nussbaum

Em 29 de Outubro de 1967, faleceu em Paris o Dr. Jean Nussbaum, conhecido médico adventista e paladino da Liberdade Religiosa, que em 1964 visitou Angola.

A propósito da sua morte, escreveu o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Espanha, Fernando Maria Castiella Y Maiz: «Ao escrever estas linhas, faço-o com a profunda tristeza de alguém que perdeu um amigo. Certamente estais ao corrente, de que nos últimos anos, entrevistas e troca de correspondência entre o Dr. Nussbaum e a minha pessoa, criaram uma verdadeira amizade, fundamentada acima de tudo no facto de partilharmos não só a nossa fé cristã, mas também na firme convicção de que quanto mais os princípios da liberdade religiosa forem introduzidos nas leis e na norma de vida dos homens, melhor ajudaremos a remover um dos mais sérios obstáculos que impedem os homens de hoje de respirar uma atmosfera de genuína coexistência espiritual — a intolerância mútua.

«A vida do Dr. Nussbaum — sempre ao serviço desta convicção — seguiu um curso exemplar, porque foi capaz de transcender os estudos biológicos que pertenciam à sua profissão médica, a elevar-se às ansiedades espirituais, no que foi um perfeito exemplo na sua incansável devoção aos elevados objectivos defendidos pela vossa Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa.

«Por essa razão é-me grato ler uma vez mais o que o Dr. Nussbaum escrevia numa carta de 5 de Janeiro de 1965: «Nas minhas orações ao Deus do Céu, peço-Lhe que abençoe o trabalho que V. Exa. está a fazer, para que o mesmo seja coroado do mais pleno êxito. ... Em toda a parte», acrescentava, «será conhecido que em Espanha existem algumas mentes muito liberais, que compreendem que a liberdade religiosa é o caminho pelo qual um povo pode encontrar as energias de que necessita para enfrentar a obra que tem a realizar, a qual é particularmente pesada no tempo que atravessamos».

Para os espanhóis, e não apenas para estes, estas nobres palavras do Dr. Nussbaum não podem deixar de servir de alavanca na

obra de tornar a coexistência religiosa cada vez mais uma realidade, entre os homens e as nações. E penso que servir este ideal altruísta, ao qual ele dedicou a sua vida, é o mais elevado tributo que podemos prestar à sua memória».

Perigos das bebidas alcoólicas

Continuação da pág. 11

tro, e finalmente caiu e adormeceu. Como era o tempo do cacimbo, resfriou-se, e nunca mais acordou.

A Palavra de Deus diz: «Ai dos que se levantam pela manhã, e seguem a bebedice e se demoram até à noite, até que o vinho os esquenta!» Isaías 5:11.

«Como a justiça encaminha para a vida, assim o que segue o mal faz isso para sua morte». Provérbios 11:19.

«O vinho é escarecedor e a bebida forte alvoroçadora e todo aquele que neles errar nunca será sábio». Provérbios 20:1.

«Bom é não comer carne, nem beber vinho nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize ou se enfraqueça». Romanos 14:21.

Qual é o nosso estado hoje? De que lado estamos? Dos fiéis ou dos beberrões?

Vasco Sepalanga

Não dar de beber aos outros

Muitos adventistas de hoje, quando morre uma pessoa da família, compram cachimpe, aguardente ou vinho, como fazem as pessoas do mundo, para satisfazer aos amigos que vêm ao óbito.

Creio que deviam lembrar as palavras de Deus, que se encontram em Habacuque 2:15: «Ai daquele que dá de beber ao seu companheiro! Tu que lhe chegas o teu odre, e o embebedas para ver a sua nudez».

É, pois, perigoso dar de beber aos outros aquilo que nós não bebemos.

Diniz Capiñala

Visado pela Censura

Notícias do Campo

Pastor João Isauro Chaves

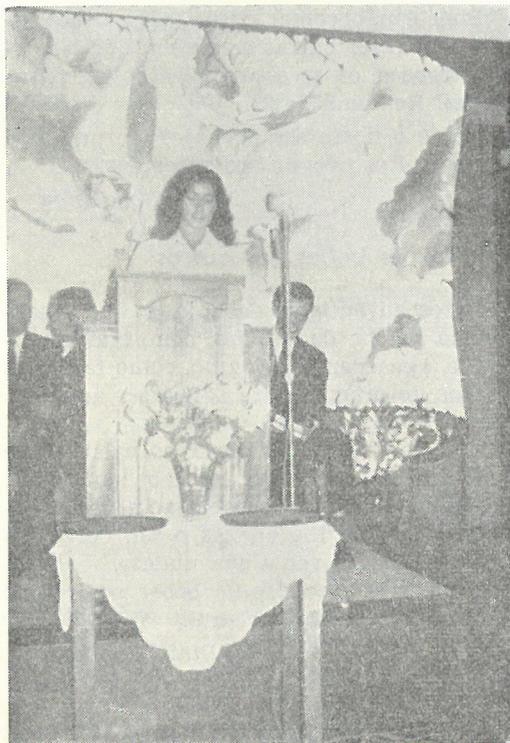
No dia 2 de Julho, acompanhado de sua Família, partiu para a Metrópole, para uma breve ausência, o Pastor João Isauro Chaves, director da Missão de S. Tomé.

Pastor Joaquim Alegria Morgado

Em 17 de Julho regressou da Metrópole o Pastor Joaquim Alegria Morgado, que continua como secretário dos Departamentos da Escola Sabatina e dos Missionários Voluntários da União, encarregando-se ainda, temporariamente, do trabalho em Benguela, Lobito e Catumbela. Sua Esposa e Filhos juntar-se-lhe-ão no mês de Agosto.

Igreja de Luanda

O EVANGELHO ETERNO — Teve início no dia 16 de Junho a Campanha de Evangelização de Luanda, que este ano focaliza a triplice mensagem angélica, na pregação do Evangelho Eterno. Suplicamos as vossas



A Jovem Deolinda C. Leite proferindo a palestra no Dia da Mulher Portuguesa



A Irmã Molly Miranda numa demonstração prática de culinária

preces para uma abundante colheita de almas ganhas para a eternidade.

DIA DA MULHER PORTUGUESA — Este dia foi assinalado na nossa Igreja por uma brilhante palestra, proferida pela jovem Maria Deolinda Correia Leite, subordinada ao título: «A Mulher à luz das Sagradas Escrituras».

J. Matos Miranda

AULAS DE CULINÁRIA — Pela primeira vez, em Luanda, se está realizando um Curso de Culinária, que teve início no dia 23 de Junho, e do qual apresentamos a seguinte crónica, feita por uma das alunas:

Pelas 15.30, realizou-se na Dependência da Juventude a primeira aula de Culinária, dirigida pela Esposa do Pastor Miranda. Com uma bela assistência deu-se início à aula, com uma oração pelo nosso pastor, que em seguida nos fez um pequeno comentário acerca da alimentação mais adequada aos filhos de Deus, salientando que além de ser o vegetarianismo um regime acon-



Um aspecto da assistência às aulas de culinária

selhado nas Sagradas Escrituras, é também motivo de assunto em alguns livros do Espírito de Profecia. Encontravam-se expostos num pequeno quadro alguns livros, na maioria da Sra. E. G. White, que deviam estar na biblioteca de todos os lares adventistas.

O Pastor Miranda falou ainda acerca dos alimentos mais necessários e saudáveis, que devem fazer parte da nossa alimentação diária, principalmente aqueles que substituem a carne e o peixe.

Depois a Sra. Molly Miranda fez uma demonstração prática de Culinária, que a todos interessou vivamente, não só por se tratar de um *prato* absolutamente desconhecido para a maior parte dos presentes, como por termos tido oportunidade de presenciar tão de perto a confecção daquela receita que nos ensinava a fazer «bifes de gluten».

Muitas pessoas desconhecem que no glúten se encontram as mesmas propriedades existentes na carne, ou seja, as proteínas. Estes bifes de gluten podem por conseguinte substituir a carne com vantagem. Enquanto os bifes estavam ao lume, a Irmã Molly preparou uma porção enorme de pipocas, que ofereceu à assistência. Todos comeram com prazer.

Entretanto começava a sentir-se o cheirinho agradável que saía da caçarola dos bifes. Todos os presentes tiveram o ensejo de prová-los e a opinião geral foi favorável. Gostaram e passa-

ram rapidamente a receita que se encontrava escrita no quadro. Até os cavalheiros se mostraram interessados em possuí-la.

Temos de concordar que é difícil deixar a carne, depois de ela ter feito parte da nossa alimentação durante longos anos. Mas se isso contribuiu para que tenhamos uma melhor saúde e uma inteligência mais apurada, porque não começarmos desde já a seguir o regime alimentar que iremos ter no Céu?

Oxalá no fim deste modesto mas proveitoso curso todos os membros da nossa igreja se tenham tornado vegetarianos! E aqui deixamos os nossos

agradecimentos a quem teve tão interessante iniciativa.

Maria Virgínia Moreira

Instituto do Bongo

Foi com imensa alegria que todos os alunos do Curso de Obreiros Evangelistas do Instituto do Bongo, viram surgir mais um fim de ano lectivo. E dizemos alegria, não só porque chegou o momento de se retirarem para as suas aldeias e rever todos os seus familiares, mas também e principalmente pelo bom êxito alcançado nos seus exames finais.

O programa de encerramento das aulas foi iniciado no dia de Sábado, pela manhã,



O Ir. Raposo saboreando (?) uma refeição vegetariana

quando, no recinto ao ar livre, preparado especialmente para esse fim, todos reunidos assistimos a um programa especial da Escola Sabatina a seguir ao qual teve lugar o habitual culto de Sábado, em que falou o Pastor Everett Jewell. No mesmo dia pelas três horas da tarde e depois de uma pequena palestra pelo Pastor Pedro Balança, dirigimo-nos ao local próprio para efectuar cerimónias baptismaes, onde mais sete almas deram o seu testemunho público, entregando-se completamente a Jesus.

Ao toque do sino de domingo indicando as oito horas da manhã, alunos, professores e demais pessoas que nos honraram com a sua presença, com rostos felizes assistimos ao içar da bandeira. Depois de entoado o Hino Nacional, o professor Agostinho Jorge fez a saudação à bandeira proferindo algumas simples mas significativas palavras que bem revelam o sentimento de profundo amor a Deus e à Pátria.

Cerca das dez horas, deu-se início ao programa de actividades desportivas que decorreu com o máximo de entusiasmo, não só da parte dos que deram a sua colaboração nos jogos e corridas como também dos assistentes. No final foram distribuídos prémios a todos os vencedores.

Neste mesmo dia pelas quinze horas e reunidos mais uma vez no recinto do Instituto, foi apresentado o programa que havia

sido elaborado por professores e alunos do curso. Poesias, peças, hinos, tudo feito na melhor ordem e animação, contribuiu para tornar o programa mais interessante, salientado pelo seu valor de edificação espiritual. Para o terminar, o Pastor Ernesto Ferreira, dirigiu a todos os alunos investidos nas classes progressivas, algumas palavras de ânimo e incitamento para o cumprimento dos seus deveres como soldados de Cristo.

Não queremos deixar de salientar que o coro do Instituto se exibiu pela primeira vez com as suas novas fardas.

Para encerramento do programa do ano lectivo e a pedido de todos os alunos, assistimos pelas vinte horas do mesmo dia, a uma interessante reunião social, preenchida com alguns filmes que muito apreciámos.

Resta-nos dizer que, embora este ano não tenha havido classe de finalistas, em virtude do curso ter sido ampliado em mais um ano, a fim de que os nossos alunos obtenham ainda uma melhor preparação, o Instituto não deixou de ter neste fim de ano a alegria que lhe é peculiar.

Possa Deus ajudar alunos e professores, afim de que todos os esforços empreendidos por cada um possam contribuir para o progresso da Sua Obra.

Maria Leonilde Tavares

A Igreja Cristã através dos Séculos

Continuação da pág. 7

cismas, embriaguês, imoralidade, orgulho e vaidade, sendo os pecados mais graves punidos pela exclusão da comunhão da Igreja.

Nos tempos apostólicos surgiu uma seita chamada dos «ebionitas», constituída por cristãos judaicos. O termo «ebionita» significa «pobre». No primeiro século permaneceram em comunhão com os cristãos, mas no segundo, depois de repudiados, formaram uma organização distinta. Criam num Deus verdadeiro, Criador do Universo e autor da lei moisaica; em Jesus como Messias, mas não divino; rejeitaram Paulo como apóstolo e não aceitaram seus escritos como inspirados; veneravam a Tiago e a Pedro.

Os primeiros ebionitas exaltavam a virgindade; por último, alguns proclamavam a excelência do casamento. Atribuíam ao baptismo poderes sobrenaturais, mas não baptizavam crianças.

CONSELHOS

Por Sílvia Patrícia

*Quando a vida sentires mansa e boa,
E a ventura de flores te cercar,
Fala! — para que o Bem que em ti se aninha
Possa outras almas consolar.*

*Quando cantar em ti uma alegria,
Quando um sonho de luz te iluminar,
Fala! — para que o Sol que em ti refulge,
Em outros corações vá rebrilhar.*

*Mas quando em fel, o mal e a injustiça
Vierem em teus dias amargar,
Cala bem fundo o teu tormento
— Nunca o procures partilhar.*

*Dá o teu bem, dá o teu riso,
Tua riqueza, tua crença, teu amor ...
Mas guarda, com o ciúme dos avaros,
Teu desespero e tua dor!...*